

Espaços de negociações, conflitos e desistências de negros em Uberlândia (1980-2000)

Fernanda Santos*

RESUMO:

Neste texto analiso as diferentes formas que parcela dos negros em Uberlândia se utiliza para enfrentar a realidade de segregação social e racial historicamente identificada nesta cidade. Para tanto, analiso as ações e relações estabelecidas por homens e mulheres negros a partir de grupos do movimento negro e práticas culturais afro-brasileiras, como o carnaval e a congada, em sua busca por espaço e reconhecimento social. Assim, as narrativas orais são fontes privilegiadas para se observar sentidos múltiplos que são emitidos sobre as práticas sociais negras, bem como as pressões e acordos que grupos sociais distintos travam na trama cotidiana. Neste viés, esta reflexão contempla parte da história de Uberlândia entre os anos de 1983 e 2000, com especial atenção para as lutas e resistências dos negros nesta cidade, não ignorando, entretanto, as suas perdas e conformidades nesse processo.

Palavras-chave: movimento negro, práticas culturais afro-brasileiras, resistências

ABSTRACT:

This text analyzes different ways that part of black population in Uberlândia uses in order to face a social and racial segregation reality historically identified in this city. In order to do that, we examine the actions and social relationships of black men and women through of black movement groups and Afro-Brazilian cultural practices, as carnival and congada, specially, in their dispute spaces and conquest social recognition. We choose the oral narratives as historical resources in this analysis to realize the multiple meanings about black social practices, such as the pressure points and deals between different social groups everyday. In this way, the article also put in the question part of Uberlândia's history from 1983 until 2000, by special attention for the strifes and resistance of black people in this city, be sides, their defeats and according in this process.

Key-words: Black Movement, Afro-Brazilian cultural practices, social strifes

A partir das experiências de desvalorização social e exclusão econômica investigo as vias trilhadas por negros em Uberlândia na reconstrução cotidiana de sua história, especialmente através das práticas culturais afro-brasileiras, como a congada, a religiosidade de origem africana, o carnaval de rua, entre outras maneiras e lugares do fazer-se negro nesta cidade. Neste texto opto em refletir sobre a congada para além dos limites dos aspectos formais do seu ritual, no esforço de apreender os seus significados na vida dos sujeitos envolvidos. Assim, percebo que essa prática social indica uma possibilidades de inserção dos negros nos espaços urbanos e em uma rede de relações distintas, com os poderes municipais, as mídias impressa e televisiva, os demais moradores da cidade e mesmo na relação entre os

* Universidade Federal de Uberlândia, mestranda em História Social, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES).

diferentes grupos envolvidos nestas práticas, entre outros. No imbricamento dessas relações são tecidos acordos, trocas e não raras vezes o conflito permeia essa trama que compõe a realidade social.

A congada também expressa uma forma de reconhecimento para os seus participantes, seja internamente, entre diferentes ternos que buscam maior destaque entre si, seja em um contexto social maior em que esses sujeitos marcam o seu lugar e identidade numa cidade que, por diversas formas, evidente ou camuflada, segregaram e segregam os negros, estigmatizando os seus espaços de moradia e sociabilidades, especialmente por estes lugares apresentarem marcas dos seus valores, crenças e modos de vida.¹

Para este texto as narrativas orais figuram como fonte privilegiada, pensada como um meio valioso para se observar a atuação histórica de homens e mulheres negros, as suas formas de tencionamento e pressão social, seus estratagemas que articulam negociações possíveis e os posicionamentos que indicam conformação ou compartilhamento a uma ordem social dominante. Por isso, ao deparar-me com diferentes versões nas fontes escritas e orais, não me preocupo em desvelar a sua tradução verdadeira, como se isso fosse possível, mas dedico-me a compreender qual o sentido de interpretações distintas no movimento das relações sociais investigadas. Além disso, as fontes orais são de valor inestimável quando se quer valorizar a atuação dos sujeitos anônimos e ordinários que protagonizam a vida cotidiana (PORTELLI, 1997).

O depoimento de Antônia Aparecida Rosa, responsável pelo terno Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário, aponta questões importantes no fazer-se cotidiano da congada, a qual permeia a vida de seus participantes de forma, muitas vezes, contrastante. Quando pergunto como é feito o repasse da verba subvencionada pela prefeitura municipal aos muitos ternos existentes, ela explica:

Da congada, a divisão, a subvenção é repartida em valores iguais também pros vinte e cinco ternos que tiver direito. É feito uma análise de presenças porque isso é super natural pra gente que acredita na religião católica e a gente é, a gente trabalha em nome de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, São Domingos. Então, a gente tem uma participação nas missas, né, todos os domingos e nos eventos realizados pela Irmandade do Rosário, aos quais os ternos são convocados. E aí dentro dessas participações é feito uma porcentagem do tanto de presenças que você teve e se você não tiver atingido, ou seja, se você não tiver cumprido com os dogmas da religião você também não deve estar lá, porque se você não está lá é porque você não acredita, então é por isso que eu acredito muito.

¹ Para conferir tal abordagem, ver: CARMO, Luiz Carlos do. “**Função de preto**”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945-1960. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000; OLIVEIRA, Júlio César. **O último trago, a última estrofe** – vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

*Por que eu estou fazendo essa ressalva? Porque eu vejo muita gente criticando, sabe? E eu não acredito nessa crítica. Eu acredito muito no que é feito lá mesmo, porque tem que ser feito mesmo, porque assim a gente não pode falar que está fazendo uma coisa e tá fazendo outra e a festa da Irmandade do Rosário é ligada à religião católica, né?*²

O trecho selecionado permite analisar diversos elementos circunscritos ao universo dos congadeiros, como a diversidade de posicionamentos e os conflitos que se expressam em função de interesses e concepções divergentes entre os sujeitos que vivenciam a prática congadeira. Ao freqüentar a missa que acontece todos os domingos na igreja de Nossa do Rosário percebi que ao final desta é feita uma chamada para verificar a presença de algum representante de cada um dos ternos de congados, marujos, catupés e moçambiques que compõem a irmandade.

Em conversa com alguns participantes e em entrevista com Antônia o motivo dessa conferência se esclarece: a presença nas missas é fator importante para o recebimento de parte dos recursos que a Secretaria Municipal de Cultura entrega à diretoria da irmandade e esta tem autonomia para escolher a forma de sua distribuição entre os ternos. Segundo os critérios estabelecidos por essa diretoria cada terno pode ter a ausência de um representante em até quatro domingos (missas) para receber a totalidade do valor destinado a cada grupo, a partir da quinta ausência cem reais são descontados a cada missa dominical.³

Antônia demonstra sintonia com as exigências em vigor, uma vez que compartilha dos valores e rituais da igreja católica, portanto, é “super natural pra quem acredita na religião católica”, como diz. Por outro lado, ela menciona a existência de outros pontos de vista no interior da irmandade quando declara que há “muita gente criticando” essa obrigação. Há não muito tempo essas críticas tomaram outra proporção, pois o representante de um dos ternos pertencentes à irmandade recorreu à justiça para contestar o valor reduzido que recebeu da diretoria, como fração da subvenção municipal, em função da ausência nas missas. A resposta judicial se deu em favor da diretoria executiva pelo fato da norma constar em estatuto.

Respeito a posição de Antônia e sua escolha, como de tantos outros congadeiros, pela religião católica, mas quando ela afirma que se “você não tiver cumprido com os dogmas da religião você também não deve estar lá, porque se você não está lá é porque você não acredita”, é preciso tecer algumas ponderações. Não tenho interesse em situar as origens da congada no Brasil, mas penso que uma breve contextualização histórica seja importante para

² Antônia Aparecida Rosa. Entrevista realizada no dia 19 de Janeiro de 2008.

³ Conforme inciso II do artigo 8º do Estatuto da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Uberlândia, aprovado por sua Diretoria Executiva no dia 23 de julho de 2002, um dos deveres dos sócios (ou ternos) é participar das atividades religiosas, festivas e culturais da Irmandade.

refletir sobre as reelaborações efetuadas ao longo do tempo cujos significados e reinvenções têm uma conexão com o presente vivido por estes sujeitos negros.

Há indícios de que a devoção festiva dos negros aos santos católicos iniciara-se no continente africano através da estratégia catequética empreendida pelos dominicanos no final do século XV e estes utilizavam os cultos dedicados aos orixás como intermediação nesse processo (KATRIB, 2004). Por condições sociopolíticas e econômicas específicas, no período colonial brasileiro um significativo contingente de negros africanos foram violentamente trazidos para o Brasil e a reelaboração de rituais vivenciados na África a partir de uma nova experiência vivida foi um dos inúmeros esforços por parte desses sujeitos negros para reconstruírem as suas vidas neste novo lugar, retomando um quadro de referências já existente.

Não penso esse processo de cruzamento simbólico intercultural identificado na congada pelo conceito de sincretismo. Esta categoria de análise expressa os sentidos de junção, mistura e aglutinação, noções que apontam para a anulação dos diversos elementos inicialmente presentes e para a formação de novos valores. Nas celebrações de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito verifica-se a convivência fundamentalmente de dois universos distintos, um de matriz européia, pelos signos do catolicismo e outro de matriz africana, que se expressa por várias práticas e simbologias ressignificadas, como a coroação de reis congos. Esse convívio se estabelece em alguns momentos de forma harmônica, em outros pelo confronto, compondo um constante movimento de incorporação e apropriações, de recusa e negação.

Em um tempo histórico cuja ordem social se instituíra pelos mandos de proprietários de terra que contavam com o apoio da Igreja Católica, a dissimulação dos negros escravizados em relação ao modelo mítico-religioso que não era parte do conjunto de suas crenças, valores e saberes constituía-se em uma tática de resistência. Dissimular é definido por muitos antropólogos pelo ato de manter contato com o elemento estranho (pertencente ao outro), sem se deixar envolver totalmente por ele. Tal fato possibilitou aos negros daquele período vivenciar aspectos da sua cultura, repleta de significados que traduzem a concepção de mundo desses sujeitos. Sobre essa arte de driblar as tentativas de imposição cultural em uma correlação de forças sociais desiguais, Michel de Certeau analisa:

Falando de modo mais geral, uma maneira de utilizar sistemas impostos constitui a resistência à lei histórica de um estado de fato e as suas legitimações dogmáticas. Uma prática da ordem construída por outros redistribui-lhe o espaço. Ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais e por referências utópicas. Aí se manifestaria a opacidade da cultura “popular” – a pedra negra que se opõe à assimilação (CERTEAU, 1994:79).

Na dinâmica das transformações sociais durante centenas de anos e na especificidade de cada lugar a congada assume diferentes sentidos de atuação social. No passado os negros se utilizaram do espaço da igreja Católica para modificarem as tentativas de dominação e enquadramento a que estavam submetidos por esta. Em tempos atuais outros conflitos são travados entre representantes da igreja e frações dos congadeiros, como veremos adiante. Para além dessas tensões existentes, acredito que os festejos que ocorrem hoje em Uberlândia, ainda no espaço católico, talvez pela sua legitimação, embora aconteça também em outros espaços, indicam variadas motivações relacionadas às conquistas celebradas e às inúmeras dificuldades que são reelaboradas na vivência dessa prática social. Ao continuar o diálogo com Antônia, pergunto à ela:

***Fernanda:** Então, você enfatizou muito isso, que a festa acontece no espaço da igreja católica, né? Mas como que você vê essas outras influências, em alguns ternos está mais evidente, outros nem tanto, das religiões de matriz africana, candomblé, umbanda....*

***Antônia:** É eu acho que isso não tem como a gente fugir, porque se a gente chama a festa do congado de representação da cultura negra e existe uma religião de matriz africana ligada, ou seja, africana ligada a essa cultura negra, não tem como fugir dessa concepção. O que eu acredito é assim, se você vai festejar lá na Igreja católica naquele momento é porque você também acredita que lá é um espaço importante, né? Então que..., mas eu acho que precisa também de ser preservado as religiões de matriz africana, né? E que esses grupos, como você colocou tem uns que enfatizam mais e outros menos, que eles também estão, com certeza, valorizando a questão de preservar a questão da religião, da cultura negra através da religião.*

Interessante que mesmo com outra opção religiosa Antônia não menospreza a presença da religiosidade afro-brasileira nos festejos da congada, pelo contrário, a defende enquanto componente importante na valorização da identidade étnica de homens e mulheres negros que, ainda que não seja prática religiosa de todo esse segmento social, a umbanda e o candomblé são práticas sociais representativas da cultura negra no Brasil, diversa e em constante movimento de transformação.

Vale mencionar um episódio ocorrido no ano de 2003, no qual, a diretoria da Irmandade do Rosário articulou-se com o padre Baltazar Sallum Passos, responsável pela igreja, para alterar a data da festa da congada, que antes acontecia em novembro, passou a se realizar no mês de outubro. Esta alteração visava cumprir uma determinação advinda do vaticano em encerrar todas as comemorações relacionadas ao Rosário até outubro daquele ano, por ser o marco final do Ano do Rosário (out. 2002- out. 2003). Esta mudança foi motivo de confronto entre a diretoria da irmandade e alguns congadeiros, ocasião em que o terno Moçambique de Belém cantou uma música de protesto no dia da festa oficial de 2003, a qual dizia, entre outras coisas: [...] “Respeite o meu passado/Pois no meu congado/Não pode

mexer. [...] Mamãe do Rosário/Mandou me dizer/ Que é no mês de Novembro/ Que a festa do congo/ Tem que acontecer”.⁴

Essa discussão é importante para a compreensão de como se processam as relações no interior na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário que, apesar do seu caráter de confraria não se traduz unicamente pela harmonia e consenso entre seus integrantes, mas em muitos momentos, pelas relações de poder travadas no seu interior, como em qualquer espaço social que reúna pessoas com determinados interesses que, na sua totalidade dificilmente são idênticos ou completamente conciliáveis.

As comemorações do Reinado de Nossa Senhora do Rosário no ano passado marcaram a primeira festa após o último processo de restauração da Igreja do Rosário, tombada como Patrimônio Histórico e Cultural da cidade em 1985, projeto de autoria do ex-vereador Eurípedes Barsanulfo de Barros e sancionada como lei pelo ex-prefeito Zaire Rezende (PMDB). Em 2007, os congadeiros e outras pessoas que se dirigiram ao interior da capela no domingo festivo foram impedidos de adentrar em parte do seu espaço, correspondente aproximadamente à metade de sua área física, onde estavam os andores com as imagens dos santos e região onde se localiza o altar, pontos de especial valor sagrado para os pagadores de promessa.

De fato, ao marcar presença em mais um ano do evento percebi várias reclamações das pessoas que ali estavam, direcionadas principalmente ao padre Baltazar Sallum Passos, responsável pela medida de restrição. Tempos depois tive acesso à “carta de repúdio” que o Movimento Negro Uberlandense Visão Aberta enviou ao Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia (COMPHAC), órgão que possui cadeira representativa do MONUVA, ocupada atualmente por Saulo Tavares, integrante do movimento. Em trecho inicial da carta declara-se:

Pela presente vimos manifestar a nossa insatisfação em relação à forma com que a comunidade negra foi tratada na festa de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito tendo em vista relação direta com a reforma da referida igreja que é um marco para uma festa centenária de resistência e de luta contra o Racismo e formas de discriminação racial. Manifestamos, questionamos e cobramos providências dos órgãos competentes; SMC e COMPHAC, que discorrem e deliberam acerca de normas de tombamento, conservação e utilização do Patrimônio Público tombado.⁵

O texto que reivindica a restrição colocada aos participantes da festa em usufruir dos espaços da igreja refere-se às celebrações congadeiras como prática de “resistência e de luta

⁴ Na festa ocorrida no ano de 2003 distribuiu-se um folheto com a letra dessa música, de autoria de Luís Sebastião Ribeiro. Na parte inferior da folha registrou-se o apoio do vereador Gilberto Neves (PT). Acervo da pesquisadora.

⁵ MONUVA. **Carta de repúdio**, Uberlândia, 2007.

contra o Racismo e formas de discriminação racial”. Essa declaração, claro, é enunciada por um grupo específico, mas serve de contraponto a determinadas concepções que despolitizam essa prática, ignorando as suas potencialidades de intervenção social por aqueles que a criam e recriam na trama cotidiana. No diálogo com Maria Conceição Leal, militante de movimentos negros da cidade, pedi a sua opinião sobre como algumas práticas culturais como a congada e o carnaval ajudam no movimento negro, qual a relação que ela percebia entre ambos? Ela responde:

Nenhuma. Eu acho que a congada é uma dança de resistência e que o Carnaval é uma dança popular pra levar alegria, cervejinha gelada. Como que você perguntou?

Fernanda: *Há sujeitos, pessoas que circulam nos dois espaços, nesses espaços...*

Conceição: *Em todos... cê pula o carnaval, cê pula a congada... [...]*

Fernanda: *Não, sujeitos negros... um sujeito que é dançador do Carnaval e é militante...*

Conceição: *Não, não, não, na verdade, como número até pra você... hoje não é necessário mais, sinceramente, mas antigamente era necessário chamar números, como por exemplo, a congada. A festa da congada em Uberlândia é uma festa que ninguém pode desconsiderar, a festa do carnaval nem tanto, mas também reúne várias pessoas negras, é ponto alto na questão, mas eu acho que o que está necessitando mesmo é conscientização e isso nem a congada nem o carnaval traz, você entende, nem o carnaval e nem a congada, o que nós precisamos é que o indivíduo conscientize que ele precisa levantar a auto-estima dos irmãos e que esses irmãos vão pra escola, e que esses irmãos vão estudar e que esses irmãos criem consciência política até pra escolher os seus representantes, não só na Câmara Legislativa, no Executivo municipal, como estadual, como da União.⁶*

Ao confrontar as declarações de Conceição Leal e o texto escrito pelo Movimento Negro Uberlandense Visão Aberta constatam-se percepções distintas quanto a esfera de atuação da congada. A idéia de resistência aparece nas duas narrativas, mas no depoimento de Leal essa noção parece estar se não esvaziada de sentido, limitada em suas possibilidades. Penso as práticas culturais negras em questão enquanto espaços que expressam a consciência de homens e mulheres negros quanto a condição social vivida por eles e é na experiência de vida desses sujeitos que essa consciência é elaborada.

No entanto, Leal, como muitas pessoas, parece não compartilhar dessa interpretação, rechaçando que tais práticas signifiquem possibilidades e caminhos, embora distintos dos que ela elege, para lidar com a realidade social vivida por grande parte desses sujeitos. Em relação ao carnaval, ainda que o reconheça como um evento que reúne muitas pessoas negras, ela desconsidera os sentidos de valorização demonstrados por muitos dos seus participantes, reduzindo-o a “uma dança popular pra levar alegria, cervejinha gelada”, ainda que o seja também. Por isso, quando ela afirma “que o que está necessitando mesmo é conscientização e

⁶ Maria da Conceição Leal. Entrevista realizada no dia 14 de Agosto de 2007.

isso nem a congada nem o carnaval traz, o que nós precisamos é que o indivíduo conscientize que ele precisa levantar a auto-estima dos irmãos”, entre outras coisas, questiono-me como pode existir resistência, inicialmente atribuída à congada, sem consciência? Não seria entender que o exercício da política está restrito aos movimentos sociais institucionalmente organizados? Se assim o for, ignora-se a cultura como locus da ação política, dos conflitos, das diversas lutas e tensões sociais.

Já a carta escrita pelo MONUVA demonstra um reconhecimento do espaço da congada como uma das vias de combate à discriminação racial. Esta última é pensada neste trabalho não apenas pela desqualificação de um grupo pelas suas características fenotípicas, mas também pela rejeição aos modos de vida e práticas sociais identificados à etnia negra, como a umbanda, o candomblé, a capoeira, a congada, o hip hop, entre outras, comumente estigmatizadas por diferentes grupos sociais. A persistência de homens e mulheres negros em realizar os festejos da congada na região central da cidade e assim percorrer bairros diferentes, e distantes entre si, em sua caminhada até a igreja, é um modo de tencionar os esforços empreendidos por diferentes grupos na tentativa de transferir os festejos para regiões de menor visibilidade para setores das elites locais. Nesse sentido, e em tantos outros, concordo com a enunciação do MONUVA em traduzir a congada como “uma festa centenária de resistência e de luta contra o Racismo e formas de discriminação racial”.

Além disso, a produção da carta inserida nas circunstâncias que a motivaram é representativa para se pensar a relação entre movimento negro e práticas culturais afro-brasileiras, como espaços de interferência mútua e diálogo por lutas comuns. Na entrevista com Antônia A. Rosa, que é ao mesmo tempo participante da congada, presidente da Associação das Escolas de Samba (ASSOSAMBA) e membro do Grupo de Consciência Negra (GRUCON), questiono:

O quê que te levou a atuar nesses espaços?

Antônia: Bom, o primeiro contato desses é o Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário que eu participo desde criança, né? Em função do congado. E aí eu penso que essa relação inicial vai te possibilitando descobrir outras possibilidades de estar dentro do movimento negro, de estar dentro da comunidade negra em busca de lutar pelas questões da cultura e das necessidades sócio-financeiras até, da gente. Então, aí, a partir daí, eu entrei na diretoria da Assosamba que foi o segundo grupo que eu participei mais efetivamente.⁷

Antônia aponta a existência de espaços de atuação diferenciados que, na luta por anseios comuns, se entrelaçam como “outras possibilidades de estar dentro do movimento

⁷ Antônia Aparecida Rosa. Entrevista realizada no dia 19 de Janeiro de 2008.

negro”. Este último, conforme a narrativa de Antônia não se limita à organização, declarada e reconhecida como movimento negro, mas amplia-se para os modos de viver o carnaval e a congada, que também expressam lutas no processo histórico. Apesar de se vincular formalmente ao GRUCON ela relata que tem interferido mais no MONUVA, pela sua proximidade com Dulcinéia Guimarães, atual presidente do Movimento Negro Uberlandense Visão Aberta (MONUVA). A depoente explica que essa ligação se justifica pela localização da sede do MONUVA, no bairro Lagoinha, mais perto da sua casa, no bairro Santa Mônica, em relação à sede do GRUCON, no Aparecida. Além do mais, segundo Antônia, o seu vínculo com a presidente do MONUVA tem aumentado pelo fato de Dulcinéia ser atualmente conselheira na diretoria da ASSOSAMBA, proximidade que resultou na elaboração de projetos em parceria para 2008. Sobre estes, a entrevistada esclarece:

E o quê que a gente está trazendo assim, não é novo, mas a gente quer buscar como frente de trabalho, isso nas duas agremiações que eu estou na linha de frente, que é a Assosamba e a Marinheiros de Nossa Senhora do Rosário, é buscar as discussões em relação à comunidade negra em si, através de palestras, a gente está com projetos ligados a questão de vídeos, depois discutir esses filmes. Então assim, pra gente realmente tá buscando essa discussão, trazendo à tona. E uma outra questão que a gente tem uma preocupação muito grande é de ficar aonde a comunidade negra realmente está. Ou seja, por exemplo, quando você fala do MONUVA, o Lagoinha é um espaço que a gente percebe, eu acho que é visível a qualquer pessoa que faça trabalho com relação à comunidade negra que tem essa necessidade. Então a gente pensou em começar a montar lá. E quando você fala por que, como é essa relação, eu estava te contando a questão do espaço físico da Assosamba, então, a nossa sede é um espaço menor [...]. Mas assim, o espaço em que a Assosamba está hoje é o mesmo espaço que o Marinheiro de Nossa Senhora do Rosário usa e o mesmo espaço que um grupo de pagode usa, o Fascina Samba. Então assim, lá também já está mesclado, um espaço bem gostoso, representativo da cultura negra. Mas é um espaço pequeno, ao contrário do MONUVA. O MONUVA tem um espaço que está precisando de desenvolver um trabalho, a Dulcinéia tem convidado muito a gente pra desenvolver um trabalho lá, e aí a gente vai fazer esse casamento, essa aliança, né? E como eu te falei a gente percebe que a comunidade, aí a gente quer ir nessa comunidade.⁸

Pelas afirmações de Antônia, observa-se uma relação de troca entre um movimento negro da cidade com a Associação das escolas de samba de Uberlândia, neste caso em um movimento inverso ao exposto anteriormente. Aqui a proposta de ação parte da presidente da ASSOSAMBA, com o objetivo de atuar no espaço físico e em parceria com o MONUVA, que já convidava para tais atividades. Antônia mostra a diversidade de grupos que partilham uma mesma sede: um terno de congado, uma entidade representativa do carnaval de rua e um grupo de pagode, apontando para uma rede de relações que se formam entre grupos da comunidade negra uberlandense, o que possivelmente colabora para “outras possibilidades de

⁸ Antônia Aparecida Rosa. Entrevista realizada no dia 19 de Janeiro de 2008.

estar dentro do movimento negro”. Este, também pensado enquanto diferentes espaços que aglutinam pessoas negras atuando na valorização do que é “representativo da cultura negra”⁹ e, por isso, certamente “levanta a auto-estima dos irmãos”.¹⁰

Quando Antônia expõe os seus objetivos na realização do projeto que intervirá em bairros com numerosa população negra e pobre, conforme ela considera o bairro Lagoinha, ela conjuga a diferença do espaço reduzido da sede da ASSOSAMBA e a ampla área do MONUVA, a qual está com poucos trabalhos em desenvolvimento, evidenciando um acordo que une expectativas e necessidades recíprocas.

Referências Bibliográficas:

CARMO, Luiz Carlos do. **“Função de preto”**: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945-1960. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000;

CERTEAU. Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

KATRIB, Cairo M. I. **Nos mistérios do Rosário**: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário (Catalão-GO). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

OLIVEIRA, Júlio César. **O último trago, a última estrofe** – vivências boêmias em Uberlândia nas décadas de 40, 50 e 60. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In. **Revista Projeto História**. PUC/SP, São Paulo: EDUC, n. 17, 1997, pp. 25-40

⁹ Idem.

¹⁰ Maria da Conceição Leal. Entrevista realizada no dia 14 de Agosto de 2007.